

Calçadistas nem querem falar em investimentos

Com queda de 35,8% na produção e redução de oito mil postos de trabalho nos quatro primeiros meses deste ano, a indústria calçadista de Franca não cogita em investir e menos ainda em ampliar novamente sua produção, mesmo que haja recuperação do mercado interno, enquanto o governo não adotar medidas para conter "esta bagunça" em que se transformou a economia. A advertência foi feita ontem, em São Paulo, pelo diretor de Comércio Exterior do Sindicato da Indústria Calçadista de Franca, Abdala Jamil Abdala, para quem a queda na produção e a recuperação das vendas externas deverão provocar problemas de abastecimento do produto no mercado interno.

De acordo com os dados do sindicato setor está operando nos níveis de 1982, ou seja, com menos de 65% de sua capacidade e poderá reduzir ainda mais sua produção. "O comércio de calçado está praticamente paralisado desde janeiro e não repõe

estoques desde o ano passado, o que é compreensível com os elevados custos financeiros e com a queda na demanda", afirmou Abdala, ao justificar o aumento de preços dos calçados em função da elevação de custos de produção. Citando levantamento do órgão de classe, segundo o qual o preço da peça de couro simples e do solado de couro teve elevação de mais de 100% nos últimos 120 dias e o solado de borracha aumentou 150% em 45 dias, Abdala foi enfático ao dizer que a indústria calçadista está entrando em fase de desânimo e que se a crise se aprofundar provocará sério problema social.

O dirigente empresarial disse, entretanto, que o panorama só não é mais grave graças à penetração dos calçados brasileiros no mercado externo. Ainda assim criticou a falta de definição do governo quanto ao modelo de produção: "Se o governo quer um modelo exportador, como parece, deve adotar uma política séria para o setor".